



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Campus de Franca - SP

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**O incêndio da Vila Socó
como expressão da violência contra imigrantes nordestinos**

The Vila Socó fire as an expression of violence against northeastern immigrants

Nome: Rubens Passos Santiago **RA:** 201223015

Orientador: Prof. Dr. André Figueiredo Rodrigues

FRANCA/SP

2023



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Campus de Franca - SP

Rubens Passos Santiago

**O incêndio da Vila Socó
como expressão da violência contra imigrantes nordestinos**

Trabalho de Conclusão de Curso de História da
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais -
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”- UNESP, campus de Franca, como requisito
para obtenção do Título de Bacharel em História

Área de Concentração: Política, ações e
representações

FRANCA/SP

2023

S235i	Santiago, Rubens Passos O incêndio da Vila Socó como expressão da violência contra imigrantes nordestinos / Rubens Passos Santiago. -- Franca, 2023 32 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Historia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca Orientador: André Figueiredo Rodrigues 1. Migração nordestina. 2. Industrialização. 3. Cubatão. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Rubens Passos Santiago

**O incêndio da Vila Socó
como expressão da violência contra imigrantes nordestinos**

Trabalho de Conclusão de Curso de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais -
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP, campus de Franca, como
requisito para obtenção do Título de Bacharel em História
Área de Concentração: Política, ações e representações

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. André Figueiredo Rodrigues
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras, campus de Assis

Prof. Dr. José Adriano Fenerick
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, campus Franca

**FRANCA/SP
18 de Dezembro de 2023**

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho, primeiramente, aos meus pais, que me deram todas as bases para que pudesse chegar até aqui. Dedico também a todos os nordestinos, inclusive aqueles que fazem parte da minha família, que encararam o desafio de sair das suas terras natais e ir para São Paulo.

Por fim, mas não menos importante, dedico este trabalho para todas as vítimas da tragédia da Vila Socó e suas famílias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, meus professores, em especial a minha professora de História do 6º ao 9º, Adriana Seabra. Agradeço meu orientador, Prof. Dr. André Figueiredo Rodrigues, que aceitou me orientar e me deu todo suporte necessário. Agradeço aos meus colegas e em especial a Noemi, que me apoiaram e ajudaram com a graduação e esse trabalho.

Agradeço a diretora e funcionários da Unidade Municipal de Ensino João Ramalho em Cubatão e aos moradores da Vila São José (antiga Vila Socó), por me receberem e conversarem comigo.

SUMÁRIO

Resumo	3
Capítulo I: Processo de imigração nordestina para o Estado de São Paulo	4
Capítulo II: Cubatão: processo formativo	8
Capítulo III: Vila Socó	15
Considerações finais	25
Referências bibliográficas	26

RESUMO

Esse trabalho analisa a migração nordestina direcionada ao município de Cubatão, na Baixada Santista, no Estado de São Paulo, a fim de compreender o que os levou àquela região, seja por vontade própria ou por forças externas, como as ocasionadas pelas secas, e sua utilização na indústria que então ali se desenvolvia de maneira intensa, notadamente no período da “industrialização e modernização nacional”, nos governos de Getúlio Vargas (1951-1954) e Juscelino Kubitschek (1955-1961). Em Cubatão, destacamos sua presença em meio a uma tragédia ocorrida em 1984, que foi o Incêndio da Vila Socó, constituída notadamente por moradores migrantes nordestinos que, em virtude da industrialização e das condições impostas ao local, instalou-se sob o manguezal que na região existia e os dutos da Petrobrás, que saíam da Refinaria Presidente Bernardes. Sobre essa história, esse trabalho de conclusão de curso divide-se em três capítulos que discutem o processo migratório de nordestino para São Paulo (capítulo I), a vinda e a instalação desses mesmos migrantes no município de Cubatão (capítulo II) e o incêndio que assolou os barracos da Vila Socó (capítulo III), em Cubatão, na noite de 24 de fevereiro de 1984.

Palavras-chave: Vila Socó, Migração nordestina, Cubatão, industrialização.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze northeastern migration to the state of São Paulo, with a focus on the Baixada Santista, especially the municipality of Cubatão. We want to understand why and how they arrived in the region, whether of their own volition or due to external forces, such as the elite or droughts. The main period of study is that of national industrialization and modernization, mainly during the Vargas government (1951-1954) and that of Juscelino Kubitschek (1955-1961). The study shows how these migrants adapted to this change and the violence that this population suffered. The case of Vila Socó (now Vila São José), which in 1984 suffered a tragedy known as the Vila Socó Fire, becomes the main example of the violence suffered by these individuals in the Baixada Santista region. This village was mostly made up of northeastern migrants who came to Cubatão because of the great industrialization and, due to the conditions imposed, lived in shacks in the mangrove swamp, without minimum conditions such as basic sanitation, as well as being built on Petrobras pipelines, which departed from the Presidente Bernardes Refinery (RPBC).

Keywords: Vila Socó, Northeastern migration, Cubatão, industrialization.

Processo de imigração nordestina para o Estado de São Paulo

Nordeste, a solução para a “crise de braços” de São Paulo

No Brasil, a década de 1930 foi marcada por mudanças em diversos setores, como na economia, na política e na sociedade. Naquele instante iniciasse o fortalecimento do sistema industrial e o fortalecimento do mercado interno industrial. Esses movimentos de expansão estão ligados ao governo de Getúlio Vargas, principalmente após sua aproximação, enquanto presidente do Brasil, com os Estados Unidos. Exemplo disto está na fundação em 1941 da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Inicialmente utilizou-se mão de obra estrangeira. Crescimento econômico, somado a problemas variados ocorridos no Nordeste, levou São Paulo a se tornar o destino privilegiado de migrantes, a fim de melhores condições de vida e trabalho. Dados apresentados por Marco Antonio Villa evidenciam as diferenças entre essas regiões:

A produtividade era muito baixa. Basta observar os dados do Censo de 1940. Em todo o Nordeste havia 8.429 arados, enquanto São Paulo contava com 168 mil; o número de semeadeiras em São Paulo chegava a 60 mil, e no Nordeste não passavam de 2.110; já em relação aos tratores, São Paulo tinha seis vezes mais que todo o Nordeste (Villa, 2017, p. 34).

O “Plano de Metas” de Juscelino Kubitschek buscou alterar a estrutura econômica do país, com a entrada de capital estrangeiro somado a investimentos do Estado em obras de infraestrutura, como a construção de estradas e usinas hidrelétricas. Reflexo desse processo mostrou-se na industrialização de grandes centros urbanos que começaram a apresentar um aumento significativo nas oportunidades e vagas de emprego:

A implantação destas indústrias se deu em grande parte mediante investimentos de capital estrangeiro, que trouxe ao país técnicos de produção em massa. Deste modo, os novos ramos industriais já surgiram concentrados e a maior parte dos estabelecimentos foi localizada na área metropolitana de São Paulo ou em suas mediações: Baixada Santista, Campinas e Vale do Paraíba (Singer, 1973, p. 124).

Devido ao crescimento das vagas de empregos, os nordestinos surgiram como “solução”, pois seu fluxo abasteceu as vagas que foram abertas nas indústrias. Somam-se ao crescimento industrial da região, as duas secas que assolaram o Nordeste na década de 1950. Inicialmente, a vinda desses migrantes foi realizada por trem, que se manteve como principal meio de transporte

por quase toda a primeira metade da década de 1950. Com a inauguração da Rodovia Rio-Bahia, em 1949, e, posteriormente, a Via Dutra, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro, iniciou-se a transição para o transporte de rodagem. (Villa, 2017, p.52)

Quase 80% dos migrantes que passavam pela Rio-Bahia tinha como destino São Paulo. O transporte era feito nos conhecidos caminhões “pau de arara”, veículos de carga adaptados para o transporte de pessoas, com a adição de bancos e lona na carroceria, na qual se transportavam entre 60 e 100 pessoas, a um custo médio de 500 cruzeiros por pessoa e os veículos só saíam quando lotados (Villa, 2017, p.54).

As viagens eram longas e perigosas, havia poucas paradas e quando tinha o preço da alimentação era alto. Além disso, a questão da higiene era muito precária, os viajantes normalmente realizavam suas necessidades na beira de estrada e não havia como tomar banho. De todos os passageiros, grávidas e crianças eram as que mais sofriam, devido à escassez de alimentos e água, pelo frio e pela falta de locais para receberem atendimento. O caminho era marcado por sensações de dúvidas e medos. Medo de acidentes, por causa das condições precárias dos veículos ou de serem enganados pelos motoristas, que deixavam os migrantes em cidades que não eram o destino ou alegavam problemas mecânicos, para conseguir mais dinheiro.

Na chegada, esses nordestinos tinham problemas novos a enfrentar, como conseguir emprego, moradia, para aqueles que não possuíam familiares na cidade, e alimentação. Outra adversidade era o inverno paulista, que pegava os migrantes desprevenidos, sem roupas adequadas, uma vez que das regiões que vinham o calor era a máxima, e não o frio sudestino. Por exemplo, entre 1950 e 1952 as temperaturas em São Paulo chegaram aos 3 graus (Villa, 2017, p.77).

Também os preconceitos sofridos por essa população foi outra marca presente nesse movimento. Os integrantes desses movimentos, junto aos seus descendentes, são vistos como atrasados ou intrusos, sofrendo ações preconceituosas e discriminatórias, sendo quase que apagados da história, inclusive chamados generalizadamente de “baianos”. Esta marca evidenciou-se, por exemplo, em 1988 quando da eleição de Luiza Erundina para a prefeitura da cidade de São Paulo. Sua origem nordestina foi a todo instante lembrada pelos oponentes, em espécie velada de preconceito contra o migrante nordestino que ajudou a desenvolver São Paulo. Ainda um grupo de comerciantes criou contra migrantes um movimento contrário à sua vinda para São Paulo, afirmando que “nordestinos deveriam sumir” (Villa, 2017, p.180).

Assim, podemos entender que na década de 1950, essas famílias buscavam um melhor desenvolvimento econômico e encontram oportunidade, principalmente, em São Paulo, tornando assim uma válvula de escape social das dificuldades do Nordeste. Em números, nesse período, São Paulo já representava 34% da produção nacional; no setor industrial alcançava 49% (Villa,2017,p.35). Compreendido dentro da conjuntura econômica, o sucesso paulista e a decadência

do setor primário nordestino podem ser indicativos dos fatores que impulsionaram a migração de brasileiros do Nordeste para o Sul naquele período.

Com o regime militar, após 1964, marcado pela ideal “salvacionista”, surgem planejamentos para “melhorar” a disposição da população brasileira em seu território, sob uma política nacional de migração interna. Com o Ministério do Interior, em conjunto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Social, foi criada a Política Nacional de Migrações, que objetivava buscar uma melhor distribuição da população migrante. Essa demanda e outras vieram de pressão dos estados e municípios, em especial de São Paulo, que havia recebido um grande fluxo de migrantes no período (Silva, 2008,p).

Com o projeto de modernização agrícola por parte do governo militar, que causou uma maior concentração de terras e levou a um êxodo rural elevado para os centros urbanos, quase 30 milhões de pessoas migraram do campo, sendo que mais da metade deles ocorreu na década de 1970 (Martine, 1989, p.21). A falta de políticas voltadas para questões sociais ocasionou um elevado crescimento das desigualdades sociais e pobreza nos centros urbanos, indo contra os números de crescimento econômico do período, conhecido como “milagre econômico”, no qual o Brasil teve seu PIB per capita de 79.1%, na década de 1970, tendo um crescimento média por ano de 6%, superior à média anual das décadas anteriores (Barbosa, 2020,p.29). Assim, as políticas migratórias serviriam como uma maneira de resolver, ou pelo menos mascarar, tal problema. Entretanto, o governo militar acabou deixando todo esse planejamento de lado, por entender que não haveria uma solução direta para esse “problema” social, pois a migração interna estava muito ligada a uma busca de melhores condições e empregos nos centros urbanos. Com isso, para realocar esse destino final dos migrantes, seria necessário um investimento em grandes obras, em atrativos e auxílios para essa população de migrados (Martine; Faria, 1986, p.18).

Na década de 1980, marcada por recessão econômica e alta inflação, ocorreu a redução nos movimentos internos. Para superar esse período, conhecido como “década perdida”, houve tentativa de atrair investimentos para o Brasil, por meio de uma descentralização da economia na região Sudeste. No período retraiu-se o crescimento de São Paulo, na casa de 3,67%; assim como o papel dos migrantes no aumento da população caiu para apenas 50% (Villa, 2017, p.178).

Com a redemocratização e a Constituição de 1988, vemos uma maior autonomia para as unidades federativas. Desse modo foi possível observar um maior crescimento em cidades do Nordeste, entre 4% e 5%, tendo ainda um crescimento mais expressivo em cidades de polos industriais nordestinos, como Camaçari, na Bahia, que obteve taxa de quase 11% (Menezes,1986, p.52). Com essa movimentação de investimentos e indústrias, vemos a população optando em permanecer nos seus locais de origem e um movimento de retorno dos que migraram.

Por fim, podemos entender que esse movimento de migração, iniciado na década de 1930, foi marcado pelo processo de industrialização nacional e a crise no sistema agrícola no Nordeste. A vinda para o Sudeste do país era uma tentativa de conseguir uma vida melhor, apesar de a viagem ser arriscada, desde a saída, por causa do transporte, até as incertezas na chegada, e os preconceitos encarados. O crescimento econômico, principalmente no eixo Rio-São Paulo não significou um retorno para essa população, marcada por condições de moradia precárias, falta de acesso aos serviços básicos públicos. A maioria ainda via nos grandes centros urbanos a possibilidade de ter uma vida melhor para si e seus familiares.

Cubatão: processo formativo

História de Cubatão

A história de Cubatão se inicia em 1533, com a entrega da Carta de Doação de Sesmaria, de Martim Afonso de Souza para Rui Pinto. Com isso, Rui Pinto recebia as terras Porto de “Apiaçaba” e as terras situadas na “Barra do Cubatão”, entre os rios Ururaí e Perequê. Em Decreto de 19 de janeiro de 1803, o governador da capitania Antonio José de Franca e Horta, em uma política de povoamento e desenvolvimento, ordenou a criação do povoado de Cubatão, na extinta Fazenda dos Jesuítas. Entretanto, foi somente em 12 de agosto de 1833 que a Regência Trina Permanente, instituída após a abdicação de Dom Pedro I, sancionou a Lei 24, que separou um terreno da Fazenda de Cubatão para ali fundar uma povoação (Ferreira; Torres; Borges. 2008, p. 12-21).

Pela Lei regencial n. 167, de 1º de março de 1841, o povoado de Cubatão é incorporado à cidade de Santos (Ferreira; Torres; Borges. 2008, p. 12-21)... Após 81 anos, com a Lei estadual n. 1.871, de 26 de setembro de 1922, criou-se o Distrito de Paz de Cubatão. Em seu artigo 1º lê-se como seria a criação do distrito:

Artigo 1.º - Ficam creados, no municipio e comarca de Santos, mais dois districtos de paz, sendo:

a) o de, Cubatão, com sede na povocção do mesmo nome, com as mesmas divisas do districto policial já existente e que são as seguintes: Começando no rio Casqueiro até ás divisas de S. Vicente com Santos, e, pelas divisas de S. Vicente, até encontrar, na Serra, as divisas de S. Bernardo, districto de paz e Sub-Delegacia de Paranapiacaba (seguuda machina da Serra), o dahi, descendo a Serra até ao Casqueiro, ficando incluídos nessas divisas: Cubatão, Casqueiro, Itutinga e Piassaguéra, até ás divisas da Sub-Delegacia de Paranapiacaba (São Paulo, 1992, p. 7209).

Cubatão, ainda como bairro de Santos, começa a ter um crescimento industrial impulsionado pela a construção da rodovia Anchieta em 1947. Esse fortalecimento comercial e industrial fez com que as características agrícolas comesçassem a desaparecer. No ano seguinte, organizou-se um grupo de trabalhadores, para lutar pela elevação de Cubatão à categoria de município, conhecidos como “Os Emancipadores”, em 17 de outubro, é realizado um plebiscito com o resultado favorável pela emancipação de Cubatão, a independência política e autonomia veio a acontecer no dia 9 de abril de 1949 (Site da Prefeitura de Cubatão).

Após esse acontecimento, ocorreu uma maior expansão do polo industrial, principalmente associada com o núcleo urbano industrial, ABC e São Paulo. Após 3 meses, o Conselho Nacional do Petróleo, órgão criado em 1939 por Getúlio Vargas e, posteriormente, anexado à Petrobrás e ao Ministério de Minas e Energia, escolheu Cubatão para receber a maior refinaria da época, com capacidade de 45 mil barris por dia, sendo assim responsável pela produção da maior parte dos derivados produzidos na época. Em 1955 é inaugurada a Refinaria Presidente Bernardes e com a construção da refinaria outras indústrias começam a surgir na cidade, principalmente ligados à área da petroquímica, sendo que a maior parte dos produtos destinava-se à capital paulista, havendo, ainda, uma parcela para Baixada Santista e regiões Norte, Nordeste e Sul. Com dutos que subiam a Serra do Mar e outros que se conectam com o Porto de Santos e o Terminal da Transpetro (Subdivisão da Petrobrás) no Alemoa, que inclusive foi nesses últimos dutos que ocorre o erro operacional que levou ao vazamento de combustível e ao incêndio da Vila Socó (Goldenstein, 1972,p.124-139)

Outra indústria importante nessa fase é a Companhia Siderúrgica Paulista, a COSIPA, fundada em 1963, com objetivo de produzir aço, principalmente para a área automotiva e construção civil, com uma localização estratégica, próxima do ABC, da capital e do Porto de Santos. Rapidamente a empresa se tornou uma das principais siderúrgicas do país atraindo assim outras empresas do ramo para a região (Guilherme, 1986, p.34).

Com esse alargamento industrial ocorreu um grande fluxo para a cidade de Cubatão, principalmente de nordestinos. Assim, a cidade apresentou um “*boom*”, onde vai de 5.400 casas em 1960 para 7.600 em 1963; entretanto, ao mesmo tempo, os serviços urbanos, como transporte público, saneamento básico e até moradias dignas, não foram capazes de acompanhar esse crescimento, afetando diretamente a população mais carente (Azevedo, 19).

Nota-se, desse modo, o surgimento de favelas, em sua maior parte formadas por casas de palafitas sobre os mangues, em que as famílias que ali viviam tiravam seus sustentos dos trabalhos nas indústrias e dos mangues. Outro ponto, não muito positivo dessa urbanização do município, é uma vida social sufocada, pois por ter sua população formada em sua maioria por pessoas de fora da cidade, como imigrantes de outras regiões e migrantes pendulares, ocorreu assim o não surgimento de espaços de lazeres, fazendo com que essa população tivesse que buscar esses espaços e serviços nas cidades vizinhas, como Santos e São Vicente (Azevedo,1985).

Cubatão: o “Vale da Morte”

A industrialização e urbanização na cidade de Cubatão foi marcada por uma falta de um planejamento na questão ambiental, possibilitando notar uma elevada destruição da fauna e flora da

região. Os solos, ar e os rios do município foram atingidos por grandes cargas de substâncias emitidas pelas fábricas, a população da cidade, principalmente as mais carentes foram afetadas (Alves, 2013, p.).

Além das indústrias, Cubatão apresenta uma geografia que não favorece a dissipação dos poluentes, muito pelos fatores de estar localizado no sopé da Serra do Mar, junto com ventos fracos vindo da direção do mar para a serra, levando ao acúmulo dos poluentes, que precipitam sobre a cidade, causando a contaminação das pessoas, do solo e da água. Outro perigo que essa precipitação causa é a queda de folhagens das árvores, deixando o solo mais exposto e colocando a população em perigo devido a desmoronamentos (Alves, 2013, p. 350-362).

Outro ponto a se notar é que na parte fluvial, devido às baixas velocidades, junto com os movimentos de maré e alteração ou inclusive interrupção dos fluxos naturais, leva a uma grande concentração de metais pesados, substâncias tóxicas e dejetos, o que leva a uma contaminação do estuário. Assim, essas contaminações do solo, do ar e da água afetam a população de maneira direta e indireta (Alves, 2013, p. 350-362).

Os casos mais marcantes vêm da Vila Parisi, que, devido a sua localização em meio às indústrias, acabou tendo sua população mais afetada, com as “chuvas que morde”, no qual foi como os moradores chamaram a chuva ácida que ocorria por causa da presença de anidrido sulfuroso, como relatado pelo jornalista Manuel Alves Fernandes, do jornal *A Tribuna*, em 24 de maio de 1992. Esse produto químico, ao entrar em contato com a pele, causa queimação. Isto proporcionou a cidade de Cubatão receber o infame epíteto de “Vale da Morte”, em virtude da elevada taxa de má formação na gestação e do enorme crescimento dos casos de anencefalia (Jornal *A Tribuna*, 24/05/1992)

Em entrevista para o jornal *A Tribuna*, de 16 de setembro de 1982, o cientista Reinaldo Azoube, professor de Morfologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, após iniciar experimentos em ratos com os gases presentes na atmosfera de Cubatão, afirmou:

Sou um homem de ciência, mas considero importante alertar as autoridades. É necessário fazer estudos urgentes para completar as pesquisas iniciadas por Paulo Naum, que apontou a presença de dióxido de enxofre no sangue dos moradores da Vila Parisi. Os estudos para apontar a causa não podem ser genéticos, pois a razão é ambiental e não hereditária (Jornal *A Tribuna*, 16/9/1982).

O governo da cidade, por outro lado, buscava negar a ligação da poluição ao aumento das taxas de doenças respiratórias e na gestação, inclusive contratando geneticista, mesmo que Azoube apresentasse evidências que na Vila Parisi o número de abortos espontâneos, na época, fosse 20%

maior que em outras regiões do estado. O jornal reproduz o caso de uma mulher, que deu à luz a trigêmeos, mas que apenas uma das crianças sobreviveu, até o momento daquela reportagem:

Em Vila Parisi, os exemplos de mães com casos de nascimentos de crianças defeituosas na família são comuns. Maria das Dores dos Santos, 26 anos, que mora há catorze anos em Cubatão, em 1980 deu à luz trigêmeas e só uma das crianças sobreviveu. Uma delas não tinha braços e pernas, quando nasceu. A outra contraiu sarampo e morreu aos 9 meses (Revista *Veja*, 04/07/1984).

A crise causada pela recessão na década de 1980, junto com a queda nos investimentos, levaram muitas dessas indústrias do complexo de Cubatão a cortar gastos, fazendo com que uma das áreas afetadas fosse a de manutenção, ocasionando o aumento na emissão de particulados finos respiráveis e tóxicos no ar, além de contaminação de trabalhadores, como o caso de 83 funcionários da COSIPA, que tiveram intoxicação por benzeno na coqueria, o que pode ter levado a desenvolverem *leucopenia*, que derruba drasticamente a quantidade de glóbulos brancos no sangue. Ainda no mesmo jornal, João Baptista Galvão, gerente de controle de poluição da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental de São Paulo, CETESB, apresentou dado que mostra a gravidade gerada pela poluição local, pois, segundo ele: “caso as empresas instaladas no município comecem agora a cumprir todas as exigências de instalação de filtros em suas chaminés, ainda serão consumidos cinco anos até que o ar da cidade se torne respirável” (Revista *Veja*, 04/07/1984).

Foi apenas em 1985, após as denúncias sobre as más formações dos bebês na Vila Parisi e do Incêndio da Vila Socó, que começaram as medidas para contornar a situação de calamidade que Cubatão se encontrava. Por meio da parceria entre a Administração Municipal, a CETESB, as indústrias e a comunidade iniciam o combate à degradação ambiental, melhoria em condições básicas de saúde, como saneamento e obrigatoriedade de filtros nas fábricas. Essas ações levaram, em menos de uma década, a redução da taxa de poluentes emitidos em mais de 90%. Inclusive, levando Cubatão a sair do posto de cidade mais poluída do mundo, para exemplo mundial de recuperação ambiental. O auge dessa recuperação, foi o retorno dos guarás, aves de penugem avermelhadas, para a região depois de desaparecerem na década de 1960 (Site da Prefeitura de Cubatão).

A prefeitura de Cubatão decidiu extinguir a Vila Parisi em 1985, após um vazamento de um amonioduto da Ultrafértil, próximo da vila. Com esse incidente, o processo de transferência de famílias para outros bairros, como o Jardim Nova República e o Humaitá, esse já no município de São Vicente, foi acelerado. Em 1992, a Vila Parisi foi totalmente extinta e teve o seu terreno terraplanado. A sua função agora seria para a construção de um terminal rodoferroviário de carga. O jornal *A Tribuna*, em 24 de maio de 1992, celebrou o fim da Vila:

A Vila Parisi será riscada do mapa de Cubatão, hoje. Mas, o verdadeiro fim desse bairro, mundialmente conhecido como Vale da Morte, ocorreu por volta das 13 horas do dia 13 de maio, quando a família de José Batista de Santana se mudou para o Conjunto Habitacional Humaitá, em São Vicente (Jornal *A Tribuna*, 24/05/1992).

Por fim, após a CETESB identificar 320 fontes de poluição das indústrias, criou medidas para a obrigatoriedade da instalação de filtros e aparelhos redutores nas indústrias. Naquele momento, foram gastos US\$ 450 milhões para controlar 91% dessas fontes poluentes. Posteriormente, com a descoberta do Poço de Merluza, de gás natural, a Refinaria Presidente Bernardes, a Comgás passa a distribuir esse gás às indústrias. Com essas medidas de controle de poluente, em conjunto com fonte energética menos poluente, a queda dos poluentes caiu quase por completo, Nei Serra, prefeito de Cubatão, na época, afirmou: “Controlaremos 99,1% das fontes de poluição” (Jornal *A Tribuna*, 24/05/1992).

A Vila Parisi, antes conhecida como Vale da Morte, se tornou um centro empresarial, chamando-se Centro Empresarial Vale da Vida. Cubatão, antes conhecido como a cidade mais poluída do mundo pela ONU, se transformou em exemplo de restauração ambiental, cidade modelo para o combate à poluição (Jornal *A Tribuna*, 26/04/1992).



Fonte: Departamento de Imprensa da Prefeitura Municipal de Cubatão.

Foto 1: Vila Parisi



Fonte: Departamento de Imprensa da Prefeitura Municipal de Cubatão.

Foto 2: Vila Parisi



Fonte: Departamento de Imprensa da Prefeitura Municipal de Cubatão.

Foto 3: Vila Parisi

Vila Socó

Atualmente, ao chegar em Cubatão pela Via Anchieta, deparamo-nos com a Vila São José, atual vilarejo que no passado, não muito distante, fora chamada de Vila Socó. Hoje, a região é formada por casas de alvenaria, ruas asfaltadas, escola, posto de saúde, etc. Possuindo acesso ao centro da cidade pela Avenida Dr. Tancredo de Almeida, o que nos chama atenção é a quantidade de placas, marcos sinalizadores e avisos da Petrobrás e da Transpetro, uma de suas subsidiárias, indicando que no local há a presença de dutos subterrâneos. Para aqueles que desconhecem a história do bairro, essas sinalizações tendem a parecer exageradas; sendo o oposto do que ocorreu nas décadas de 1960 e 1980.

Na década de 1960 surgiu o primeiro núcleo de moradores, fundado por Arthur Isidoro Maes (ou Maez), um pescador que veio de São Vicente. Com o tempo, devido ao processo de industrialização da cidade, outras pessoas começaram a chegar na cidade, principalmente nordestinos, que, com baixos salários ou desempregados, começaram a morar nos espaços vazios ainda existentes no local, como sob a região do manguezal, formando o primeiro núcleo de moradores. A vila, então, passou a ser conhecida por dois nomes: Vila do Arthur e Vila Socó; este último nome derivava de Maes, que cuidava de um socó em sua casa (Site *Jornal Eletrônico Novo Milênio*).

A Vila Socó possuía de 1.200 a 1.500 barracos, sendo a maioria palafitas fincadas no mangue, sem saneamento básico. Muitos moradores também não tinham acesso a eletricidade e costumavam usar lampiões e velas para iluminação noturna. A maior parte dos moradores trabalhavam nas fábricas locais (Goldenstein, 1972, p.257-262).

Na sexta-feira, dia 24 de fevereiro de 1984, durante uma operação de transporte de gasolina pelos dutos entre a Refinaria (Cubatão) e o Terminal de Alemoa (Santos), pelos dutos OSSP, ocorreu o incêndio da Vila Socó. Entre os motivos apontados está um erro de comunicação entre dutos. Naquele dia, o combustível que deveria ter sido bombeado para um determinado duto acabou sendo bombeado para outro duto (OC-5 e OC-7), que estava com sua comporta fechada. Naquele instante ocorreu o aumento de sua pressão, que, somada a precária manutenção do duto, ocasionou o vazamento de mais de 700 mil litros de gasolina no mangue, que, por estar em maré alta, levou essa quantidade do inflamável para a favela (Ferreira; Torres; Borges. 2008, p.82-83).

Devido à burocracia da empresa petrolífera, os funcionários afirmaram que só poderiam chamar os bombeiros para averiguarem o local, que já estava com um forte cheiro de gasolina, após

um dos engenheiros checar o vazamento. Como esse engenheiro morava em Santos, houve demora no acionamento do sistema de segurança. Por volta das 22h30min, um morador se aproximou de um posto da Polícia Rodoviária para informar sobre o forte cheiro de combustível. O policial que estava em serviço, soldado Saturnino, relatou ao jornal *Cidade de Santos*:

Assim que foi alertado, estava sozinho no posto e avisei a Petrobrás. Às 23h00 chegou o pessoal da empresa, junto com o carro de bombeiros da Refinaria e mais três PMs de plantão em Cubatão. Eles bloquearam as passagens do oleoduto e lançaram espumas pelo túnel, alertando em seguida os favelados para que evacuassem a área. Como estava chovendo, muita gente acabou preferindo permanecer nos barracos, mas houve outros que vieram pedir abrigo aqui no posto rodoviário, alegando que conseguiria dormir com o cheiro da gasolina (Jornal *Cidade de Santos*, 26/02/1984).

Por volta da 00h30min, o incêndio se iniciou. Até hoje não se sabe o que causou a ignição, sendo a principal suspeita uma bituca de cigarro arremessada por algum morador na água. Devido ao fato de as casas serem de madeira, o fogo se espalhou rapidamente. Para agravar a situação, testemunhas disseram que alguns moradores haviam armazenado gasolina em suas casas, com a intenção de revende-la oportunamente. Com a velocidade que o incêndio se espalhou e o horário que ocorreu, muitas pessoas estavam em suas casas dormindo (Revista *Veja*, 07/03/1984).

Com temperaturas superiores a 1000° celsius, não havia muito o que os bombeiros poderiam fazer, além de evitar que o fogo se espalhasse. Havia medo de o fogo se espalhar pelos dutos e causar uma explosão maior ou mesmo que ele chegasse à refinaria. Para essa emergência foram deslocados mais de 200 bombeiros de Cubatão, Santos, São Vicente, Santo André e São Bernardo, além de funcionários da Petrobrás e COSIPA. A cena que esses bombeiros encararam foi desoladora, com a favela tomada pelo incêndio e outras explosões, causadas pelos botijões de gás, como um oficial dos bombeiros comentou no jornal *Cidade de Santos*: “a situação é tão grave e o fogo foi tão rápido, que nos tornamos impotentes para poder combatê-lo” (Jornal *Cidade de Santos*, 26/02/1984).

Somente na manhã seguinte, o incêndio foi apagado e com o uso de tratores e caminhões com areia foram construídos diques que isolaram o local do vazamento. Ainda eram 9h da manhã e o IML de Santos já confirmava 55 mortos, mas o número ainda iria aumentar, os bombeiros, junto com policiais e voluntários, iniciaram operações para localizar corpos carbonizados entre o manguezal e os barracos queimados. Devido à alta temperatura, a maior parte das vítimas, principalmente crianças, tiveram seus corpos incinerados. Há relatos de corpos de crianças encontrados dentro de geladeiras, possivelmente em uma tentativa dos pais de salvar seus filhos. Outro relato marcante, que para muitas pessoas tornou-se o símbolo da tragédia, foi o de uma mulher que estava grávida e ao localizarem seu corpo foi possível visualizar o contorno do feto e,

ao seu lado, estavam também os restos mortais de outras crianças, possivelmente demais seus filhos. Luigi Bongiovanni, jornalista que cobriu essa tragédia, lembrou dessa cena: “Estava grávida, exibida na pele retesada o contorno, quase desenho em alto relevo, do feto, morto no seu ventre” (Jornal *A Tribuna*, 22/02/2004).

O número de mortos, oficialmente, é de 93 pessoas, baseado nos corpos localizados. Antigos moradores até hoje contestam esses números. Eles afirmam que muitas famílias foram totalmente mortas, não havendo ninguém para questionar sobre o seu sumiço. Outro ponto utilizado para questionar o número oficial, é o número de crianças que pararam de frequentar a escola após o acidente. Chegaram a afirmar que o número verdadeiro de mortos deva ser entre 500 e 600 vítimas. Como informado, devido às altas temperaturas, muitos corpos foram incinerados. Há relatos também que muitas pessoas, em desespero, se atiraram no mangue e acabaram sendo pegas pelo fogo ou acabaram morrendo afogadas, e seus corpos afundados e nunca recuperados (Ferreira; Torres; Borges. 2008, p.83).

Após o incêndio, os sobreviventes foram realocados em outros bairros da cidade, como na Vila Natal. Posteriormente, o mangue, onde ficava a Vila Socó, foi aterrado e um novo bairro erguido – a atual Vila São José. A luta pela indenização prolongou a dor dos sobreviventes. Os valores oferecidos foram, em valores atuais, 4 mil reais, para quem perdeu casa e bens; 10 mil reais para quem perdeu algum parente. Essa indenização por morte ignora crianças de até 12 anos, por considera-las não produtivas. Apenas 8 indenizações por perda foram pagas. Quem possuía parentes desaparecidos não poderia pedir indenização. Sobre moradias, a Petrobrás construiu 28 casas, para mais de 3.000 pessoas desabrigadas, mas essas casas não tiveram a posse transferidas para as vítimas, apenas o direito de uso (Revista *Brasil Extra*, 24/02/1984) .

Até hoje ninguém foi culpabilizado pelo acidente. Na época abriu-se processo contra o então presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, e outros 16 funcionários; sendo que desses, 7 foram condenados a 1 ano e 7 meses de prisão, que, após revisão da sentença, em agosto de 1986, foram inocentados. Os membros do alto escalão da Petrobrás não chegaram a ser condenados em 1ª instância. Em 2014 foi aberta uma Comissão da Verdade, pela OAB, junto à ALESP. A Comissão Rubens Paiva buscou reabrir as investigações sobre o incidente, acusando o governo e a Petrobrás de tentar encobrir o número de mortos e não pagando as indenizações corretas. Luiz Marcelo Moreira, advogado responsável pelo pedido de desarquivamento do caso, 30 anos após o acidente, explicou os motivos que o levaram, em conjunto com a OAB de Cubatão, a tomar essa atitude:

O primeiro era o resgate à memória. O segundo objetivo era traçar a real dimensão dessa tragédia. O terceiro é o porquê da impunidade dos entes envolvidos. Ninguém foi punido. E o quarto, se houve indenização, de que forma foi a indenização? E se existiria ainda direito a alguma indenização. Traçado isso, a

primeira coisa que eu fiz foi pedir o desarquivamento desse processo. (Site *Congresso em Foco UOL*, 25/03/2016).

Dojival Vieira, ex-vereador de Cubatão, questionou Ueki na comissão em relação ao número total de mortos. O ex-presidente da estatal respondeu de forma a confirmar a versão dos 93 mortos, realizando a seguinte pergunta: “Por que as famílias dessas crianças ou os parentes dos mais de 500 mortos não procuraram a comissão de indenização? Essa indenização, na época, fez com que as famílias ficassem satisfeitas”. Dojival prontamente rebateu a fala do depoente, lembrando que a maior parte dos moradores da vila havia vindo do Nordeste: “Morreram famílias inteiras vindas de lá; não havia a quem se reportar porque todos tinham vindo para cá. As crianças que viraram cinzas tiveram anotadas em seu prontuário a palavra ‘excluídas’” (Bailone; ALESP, 01/08/2014).

Nos dias atuais, os moradores, a Associação de Moradores da Vila São José e a Prefeitura de Cubatão realizam a cada 10 anos um evento ecumênico em memória das vítimas. No local há diversas sinalizações, demarcando os dutos, informando que é proibido cavar entre os marcadores e números para ligar, caso percebam qualquer alteração na região, como cheiro forte ou vazamento. A população ainda tem medo e trauma do ocorrido. Por exemplo, em 2004, um cheiro forte de gás começou a tomar conta da vila, imediatamente comunicaram os bombeiros, a Petrobrás, a defesa civil e a CETESB. Essas últimas duas cogitaram a possibilidade de evacuação de mais de 3 mil moradores, mas foi descartado, após o problema ter sido controlado (Jornal *A Tribuna*, 21/05/2004).

Há também uma tentativa de criar um museu para contar a história da Vila Socó, a tragédia e a sua reconstrução. A vila, hoje, é bem diferente de como era na década de 1980, mas ainda sofre com problemas, como inundações e o descuido com a manutenção da cidade. O monumento em homenagem às vítimas, que fica na margem da Via Anchieta, e que contém o nome das 93 pessoas identificadas, apresenta-se em estado de abandono, com lixo acumulado e mato alto (Site *GI*, 25/02/2013).

A seguir alguns relatos de sobreviventes do incêndio, retirado do ensaio fotográfico sobre a Vila Socó por Luca Meola, na revista *Diplomatique*:

Olinda Maes:

Olinda Maes, de 64 anos, chegou para morar na Vila Socó com apenas 10. Durante a tragédia, perdeu o sogro e o cunhado. Da parte da família de sua sobrinha, todos morreram. Até hoje acredita que a quantidade de crianças mortas no incêndio é maior do que os números oficiais. O vazamento de gasolina aconteceu por volta das 22:30. Com a movimentação das marés o produto inflamável espalhou-se pela região alagada e cerca de 2 horas após o vazamento, aconteceu a ignição seguida de incêndio. O fogo se alastrou por toda a área alagadiça superficialmente coberta pela gasolina, incendiando as palafitas (Revista *Diplomatique*, 23/02/2021).

Edna:

Nascida em Cubatão, Edna de 55 anos, é filha de pais alagoanos. Desde pequena cresceu em meio ao cheiro de gás e ovo podre. No momento do incêndio, estava em sua casa simples de palafita com o marido e a filha. Sentiu o bafo quente do fogo e viu ele se alastrando. O marido correu e ela, com a filha em seus braços, se atirou de camisola na água, enfrentou a lama até chegar na pista e conseguir pedir ajuda. Conta que há uma lenda sobre esse dia: uma família de evangélicos se ajoelharam para orar quando viram o fogo rodeando o barraco. Nenhuma madeira do barraco deles queimou (Revista *Diplomatique*, 23/02/2021).

Carmelita:

Faz quase 50 anos que Carmelita, de 78 anos, vive em Cubatão. Nascida em Alagoas, ela conta que a vida difícil na roça nordestina fez com que a família decidisse se mudar. O local escolhido foi a Vila Socó, mas seu barraco ficava na área de risco. A noite do incêndio, ela foi acordada por seu sobrinho, motorista de ônibus. O que ela lembra foi olhar para fora e ver o fogo imenso, cobrindo tudo no lado de fora. Ela só teve tempo de acordar seus 5 filhos, pegar uma caixa de documentos e fugir o mais longe possível. Perguntada pela Petrobras se preferia dinheiro ou uma nova casa, ela preferiu a última opção, a de continuar vivendo na mesma comunidade (Revista *Diplomatique*, 23/02/2021).

Luis:

Vindo do Rio Grande do Norte, seu Luís, hoje com 86 anos, chegou em Cubatão em 1964, com toda sua família. A parte onde ele morava na favela não foi atingida durante o incêndio, porém o que ele viu aqueles dias, jamais irá esquecer. Ele conta que o vazamento de 700 mil litros de gasolina começou bem antes do incêndio. Ao perceber o escoamento do produto altamente inflamável, muitas pessoas começaram a encher latas e esconder em casa, com o intuito de revender depois (Revista *Diplomatique*, 23/02/2021).

Aparecida:

Dona Aparecida hoje tem 74 anos. Chegou na Vila Socó bem no ano do desastre, antes morava no Mato Grosso. Diz que lembra de ver até panela de alumínio derretida por conta do calor. Ela acredita que muitos outros corpos não foram encontrados. Há quem diga que a labareda que deu início ao incêndio veio de um fósforo jogado no mangue (Revista *Diplomatique*, 23/02/2021).

Pois bem, o incêndio da Vila Socó é uma das maiores tragédias envolvendo indústrias da história do Brasil, ocorrido em 1984. Muito se fala de uma operação de abafamento por parte do governo e da Petrobrás, inclusive é um dos principais argumentos utilizados para sua reabertura pela Comissão da Verdade Rubens Paiva.

Mas tendo em vista o objetivo deste trabalho, vemos como a população mais carente é de origem nordestina, ao mesmo tempo que é parte importante da força motriz da economia e urbanização de Cubatão, nas indústrias e construção civil, acabou sendo deixada de lado das políticas. Junto a esse abandono, temos a industrialização de forma acelerada, deixando de lado questões relacionadas a cuidados ambientais e de segurança na Vila Socó, pois o vazamento ocorreu por causa da corrosão dos dutos e a falta de manutenção, sendo que o vazamento do dia 24 de fevereiro de 1984 não havia sido o primeiro e nem foi o último ocorrido.

Os reflexos dessa tragédia repercutem nos sobreviventes e moradores da Vila até os dias de hoje, quase 40 anos após o acontecimento. As vítimas ainda reivindicam as indenizações, acusam a empresa de se aproveitar da falta de conhecimentos de seus direitos e o estado de fragilidade das pessoas para fechar acordos de pagamentos baixos. Os migrantes que vieram para Cubatão, muitos não tinham para onde voltar e, ao mesmo tempo, também não tinham onde ficar.

A população de Socó sofreu desde que chegaram ao local, como observado, na época, em reportagem da revista *Brasil Extra*: “viveram como bichos, morreram como bichos”, tiveram que desafiar as viagens em pau de arara, sofreram preconceito e discriminação, conseguiram um emprego e ter um lugar para morar, viram tudo ser consumido pelo fogo em questão de minutos e nesse momento de desespero, são novamente vítimas de um descaso das autoridades (Revista *Brasil Extra*, 24/02/1984).



Fonte: Imagem tirada por um fotógrafo amador e nunca publicada. Faz parte do acervo do Arquivo Histórico da Cidade, custodiado na Biblioteca Municipal de Cubatão (Biblioteca de Cubatão, 1984).

Foto 4: Vila Socó após incêndio



Fonte: CETESB, 1984.

Foto 5: Local do vazamento do duto da Petrobrás sob Vila Socó



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Foto 6: Mural na praça da Vila São José



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Foto 7: Símbolo da Associação de Moradores da Vila São José



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Foto 8: Placa da Transpetro



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Foto 9: Cruzeiro em homenagem às vítimas do Incêndio da Vila Socó



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Foto 10: Placa no Cruzeiro com o nome das 93 vítimas oficiais do Incêndio da Vila Socó

Considerações finais

Em vista do proposto, compreendemos que a relação da migração nordestina com os processos de industrialização nacional, principalmente no eixo Rio-São Paulo, possuem um sistema cíclico, porque a migração nordestina foi incentivada para o desenvolvimento industrial que ocorria na região Sudeste país, e a possibilidade de melhoria de vida, sendo que esse desenvolvimento só foi possível devido a mão de obra desses migrantes.

A ideia da abordagem sobre a violência sofrida pelos nordestinos na jornada ao Sudeste do país ocorreu a partir da música “Vila Socó meu amor”, de Gilberto Mendes, feita em homenagem às vítimas do incêndio da Vila Socó, em Cubatão, em 1984. Essa vila era formada em sua maioria por nordestinos e descendentes de migrantes que foram até a cidade da Baixada Santista por causa da industrialização. “Não devemos esquecer os nossos irmãos da Vila Socó, transformados em cinzas, lixo em pó. A tragédia da Vila Socó mostra como o trabalhador é explorado, esmagado sem nenhum dó (Mendes, 1984).

Por fim, vale recordar que as dificuldades enfrentadas pelos migrantes nordestinos, que muitas vezes acabaram esquecidos ou apagados da história nos centros urbanos, ainda hoje são alvos de preconceitos fomentados pela desinformação e xenofobia contra a região Nordeste.

Referências bibliográficas

ALESP – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. *Comissão da Verdade audiência pública sobre o caso de incêndio da Vila Socó*. 11 jun. 2014. Disponível em: http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-iii/downloads/III_Tomo_2014-Audiencias-Comissao-da-Verdade-SP.pdf.

ALESP – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. *Comissão da Verdade discute incêndio na Vila Socó, ocorrido em 1984*. 13 jun. 2014. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=357532>.

ALVES, Humberto Prates da Fonseca. Análise da vulnerabilidade socioambiental em Cubatão-SP por meio da integração de dados sociodemográficos e ambientais em escala intraurbana. *Revista Brasileira de Estudos de População*, n. 2, p. 349-366, 2013.

AZEVEDO, Aroldo de [1965]. *A baixada santista aspectos geográficos: Cubatão e suas indústrias*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

AZEVEDO, Aroldo de [1965]. *A baixada santista aspectos geográficos: povoamento e população*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

CÂMARA MUNICIPAL DE CUBATÃO. *Documentos produzidos pela Comissão Municipal da Verdade Vereador Claudio José Ribeiro*. 11 abril 2021. Disponível em: <https://www.cubatao.sp.leg.br/ouvidoria/20210411182041>

CETESB – Companhia Ambiental do Estado de São Paulo. *Vila Socó – Cubatão*. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/analise-risco-tecnologico/grandes-acidentes/vila-soco-cubatao/>.

COUTO, Joaquim Miguel; MOURÃO, José Adalberto Dantas. *Industrialização, meio ambiente e pobreza: o caso do município de Cubatão/SP*. Maringá: Ed. da UEM, 2012.

CRUZ, Elaine Patricia. Comissão quer levar caso do incêndio da Vila Socó à Corte Interamericana. *Agência Brasil*. 30 jul. 2014. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/07/comissao-quer-levar-caso-do-incendio-da-vila-soco-a-corte-interamericana>.

DMOURA Audiovisual. *Documentário - Uma Tragédia Anunciada*. Youtube, 20 ago. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U-qcw9x293U>.

DOCUMENTÁRIO Vila Socó. Youtube, 23 abril 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pp1S-JLJNg&t=776s>.

FERNANDES, Manuel Alves. A Vila Parisi é riscada do mapa de Cubatão. *A Tribuna*, 24 maio 1992. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/cubatao/ch014f.htm>.

FERREIRA FILHO, Clayton Barbosa. *A (toxi)cidade de Cubatão: história ambiental, desastres tecnológicos e a construção do imaginário ambiental da cidade tóxica na década de 1980*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati-PR. 22 jun. 2015. Disponível em: <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/handle/jspui/975>.

FERREIRA, Lúcia da Costa. Os Fantasmas da Vale: conflitos em torno do desastre ambiental em Cubatão, São Paulo. *Política e Trabalho*, p. 165-188, 2006.

FERREIRA, César Cunha; TORRES, Francisco Rodrigues; BORGES, Welington Ribeiro. *Cubatão: caminhos da história*. Cubatão: Ed. do Autor, 2008.

G1 SANTOS. *Tragédia da Vila Socó completa 34 anos; atividades lembram a data: Incêndio aconteceu no dia 24 de fevereiro de 1984 e consumiu cerca de 2 mil moradias*. 23 fev. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/tragedia-da-vila-soco-completa-34-anos-atividades-lembram-a-data.ghtml>

GOLDENSTEIN, Léa. *A industrialização da Baixada Santista: estudo de um centro industrial satélite*. [s.n.t.], 1972.

GUILHERME, Márcia Lúcia. *Desenvolvimento industrial e contradições urbanas: COSIPA, um caso de implantação industrial em Cubatão*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1986.

GUTBERLET, Jutta. *Cubatão: desenvolvimento, exclusão social, manipulação ambiental*. São Paulo: Edusp, 2006.

IBRE, Blog do. *Evolução do PIB per capita e situação política*. *Blog do IBRE*, 6 jan. 2020. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/evolucao-do-pib-capita-e-situacao-politica>.

JORNAL TRIBUNA 1ª Edição. *Tragédia na Vila Socó completa 30 anos*. Globoplay, 24 fev. 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3169884/>.

MENEZES, Marilda Aparecida. *Migrações no Brasil: o peregrinar de um povo sem terra*. São Paulo, 1986.

MANUAL de avaliação de óleo em linha de costa. Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Leopoldo A. Miguez de Mello. Rio de Janeiro: Petrobras, 2006.

MENDES, Gilberto. Vila Socó meu amor. *Estudos Avançados*, v. 5, n. 13, p. 193-197, 1991.

MEOLA, Luca. 37 anos da tragédia: ensaio fotográfico Vila Socó – Cubatão. *Diplomatique Brasil*. 23 fev. 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/ensaio-fotografico-vila-soco-cubatao/>.

OAB SP. *Câmara Municipal de Cubatão faz sessão solene para homenagear os 30 anos da Subseção da OAB*. 12 dez. 2014. Disponível em: <https://www.oabsp.org.br/noticias/2014/12/camara-municipal-de-cubatao-faz-sessao-solene-para-homenagear-os-30-anos-da-subsecao-da-oab-1.9800>.

OAB SANTOS TV. *Reabertura do processo Vila Socó*. Entrevista Luiz Marcelo Moreira. Youtube, 28 jul. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HuGEC5xPL_A.

MOTA, Jessica. O que vem depois do desastre socioambiental? *Agência Pública*. 23 mar. 2016. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/552975-o-que-vem-depois-do-desastre-socioambiental>.

PRINCIPAIS vazamentos da PETROBRAS nos últimos 25 anos. *Folha de S.Paulo*. 23 jul. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2307200005.htm>.

RODRIGUES, José; FREIRE, Lauro. *Vila Socó: uma tragédia programada*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.

SÃO PAULO (Estado). Lei nº 1.871, de 26 de outubro de 1922. Cria os Distritos de Paz de Cubatão e Guarujá, no município e comarca de Santos. São Paulo (SP), *Diário Oficial*, 1992, p. 7209. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=66111>.

SARTORETTO, Juliê Rosemberg. *Histórico de Atividade Antrópica no Sistema Estuarino Santos e São Vicente*. 2014. Dissertação (Mestrado em Oceanografia Química) - Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SCOLESE, Eduardo. Em 84, acidente teve duas mortes. *Folha de S.Paulo*, 19 out. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1910200113.htm>.

TORRES, Francisco Rodrigues; FERRÃO, André Munhoz Argollo. Município de Cubatão, Território Manchado: Poluição e a Mídia de Massa. *Mouseion*, 41, 2022.